

## “A Taça do Mundo É Nossa”: As Relações Entre Futebol, Política e Fotojornalismo na Conquista da Copa do Mundo FIFA de 1970<sup>1</sup>

Fabiana Aline ALVES<sup>2</sup>

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, SP

### Resumo

A estética realista do fotojornalismo dá suporte e corrobora com a mediação da memória, apresentando e representando os acontecimentos cotidianos. Então, este trabalho se debruça sobre a cobertura fotográfica da revista semanal *Veja* e do jornal diário *Folha de S. Paulo* na ocasião da conquista do tricampeonato da Copa do Mundo FIFA de 1970 pela seleção brasileira de futebol. Com intuito de entender, mesmo que pontualmente, a atuação fotojornalística durante o regime militar brasileiro, reflete-se sobre algumas relações entre mídia, política e futebol no Brasil, remontando fragmentos da história do fotojornalismo brasileiro. Para tanto, foram observadas as edições dos dois periódicos que tratam da vitória brasileira em junho daquele ano.

**Palavras-chave:** fotojornalismo; Copa do Mundo FIFA 1970; regime militar; *Folha de S. Paulo*; *Veja*.

### Introdução

Roger Silverstone (2005, p.234) acredita que a mídia, tanto intencionalmente como à revelia, é instrumento para a articulação da memória. “Memória que é pública, popular, difusa, plausível e, portanto, irresistível e também, de tempos em tempos, compulsiva”. Afinal, na ausência de outras fontes, a mídia tem o poder de definir o passado, no sentido de apresentar e representá-lo. Quando se investiga o passado, conforme Silverstone, é preciso entender que as memórias mediadas são situadas histórica e socialmente, por este motivo é necessário examinar a mídia como um processo. Assim, o autor admite que esta possui um caráter político, ou talvez politicamente econômico. Para o Silverstone, os significados oferecidos pelas várias comunicações que inundam a vida cotidiana saíram de instituições, cada vez mais globais em seu alcance e em suas sensibilidades e insensibilidades, que estabelecem uma plataforma para a comunicação.

Silverstone aponta que para estudar a mídia é preciso compreender o processo de mediação; entender como os significados surgem, onde e com quais consequências, identificar os momentos em que o processo parece falhar, em que é distorcido pela tecnologia ou de propósito. Necessita-se compreender sua política, isto é, sua vulnerabilidade ao exercício do poder, sua

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Assis (Unesp/Assis). Jornalista e historiadora pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Professora colaboradora no curso Comunicação Social da Unicentro. Email: falves.cs@gmail.com

dependência do trabalho de identificações e de indivíduos e seu próprio poder de persuadir e de reclamar atenção e resposta.

Entendendo o processo de mediação e acreditando que a memória é, em parte, mediada pela mídia – devido à circulação dos significados –, o fotojornalismo também pode contribuir sua mediação. Neste sentido, este trabalho busca compreender a atuação do fotojornalismo durante o regime militar brasileiro, pensando, em especial, a cobertura fotográfica da revista semanal *Veja* e do jornal diário *Folha de S. Paulo* na conquista do tricampeonato da Copa do Mundo FIFA, evento popularmente conhecido como copa do mundo de futebol, pela seleção brasileira em 1970. Para tanto, a fim de também entender as principais relações entre futebol, mídia e política no Brasil e remontar parte da história do fotojornalismo brasileiro, as edições dos dois periódicos sobre a vitória brasileira são utilizadas como de fonte de pesquisa, observando<sup>3</sup>, sobretudo, as fotografias publicadas e levando em consideração a complexidade do contexto espaço-temporal daquele momento.

### **O cenário: Brasil, futebol, política e os anos 1970**

Primeiro pentacampeão do mundo, foi na Copa do Mundo FIFA de 1970 que o Brasil se sagrou como o “país do futebol”. Dentre os nove torneios disputados até então, três foram vencidos pelos brasileiros e, com o tricampeonato, conquistava-se, definitivamente, a cobiçada Taça Jules Rimet. No México, foram seis vitórias em seis jogos, 19 gols, a consolidação de Pelé como o “rei do futebol”, mais de 60 milhões de brasileiros acompanhando a transmissão televisiva ao vivo dos jogos e um país tomado pelo verde e amarelo. A animação não deixaria de atingir a grande imprensa brasileira que noticiava os feitos da seleção como inigualáveis. Conforme Richard Giulianotti, o futebol é uma das grandes instituições culturais, como a educação e os meios de comunicação, que formam e consolidam identidades nacionais no mundo inteiro. “O poder tecnológico dos meios de comunicação garante que todos os cantos da nação possam compartilhar da ação (e, assim, participar), assistindo à televisão ou ouvindo rádio” (GIULIANOTTI, 2002, 42).

Assim, o jornalismo esportivo no Brasil, para Gerson Wasen Fraga (2011), longe de se constituir em objeto politicamente neutro, especificamente em 1970, permitia a realização de diversas aproximações entre a nação e os seus representantes no campo de jogo. A discursividade dos periódicos atribuía à seleção brasileira o papel de representante direta do Brasil e dos brasileiros. “Em outras palavras, sob a óptica da mídia, a seleção seria a própria

---

<sup>3</sup> Metodologicamente este trabalho não se propõe a analisar as fotografias veiculadas pelos periódicos em questão, trata-se de uma observação a respeito da atuação da imprensa no evento específico, aproximando-se mais de uma observação dos conteúdos das imagens do que de uma análise imagética aprofundada.

nação em campo, a pátria de chuteiras, incidindo em tal representação o contexto histórico vivido pelo país” (FRAGA, 2011, p.3).

De acordo com Fraga, a aproximação entre a equipe de futebol e a nação aconteceu em um plano eminentemente discursivo e ideológico, por meio da projeção sobre um conjunto de atletas da capacidade de representar uma ampla coletividade, sob todos os aspectos, heterogênea.

Assim, em 1970, noticiava-se a vitória de uma seleção que representava, se não todos, àqueles que poderiam ser considerados os verdadeiros brasileiros, os que levavam sua vida de forma a não contestar a nova ordem estabelecida a partir dos (des)mandos militares; que vivendo um período de ‘reorganização política’, poderiam estar certos de que estariam a salvo dos perigos do comunismo em solo brasileiro. Para estes (e não para os ‘falsos brasileiros’, os contestatários, os rebeldes e inconformados, os que deviam deixar a pátria por não amá-la suficientemente) é que se produzia um novo período histórico, de vitórias no plano esportivo e econômico, ainda que para a imensa maioria não fosse destinado mais do que um lugar distante nas arquibancadas (FRAGA, 2011, p.7).

Segundo João Fernando Pelho Ferreira (2011), a memória midiática da conquista da copa de 1970 secundarizou os responsáveis pelo treinamento físico e o planejamento de adaptação, e o futebol se tornou fonte de afirmação do que é “ser brasileiro”. “Ou seja, a militarização/racionalização do futebol foi subtraída da memória jornalística. Isto poderia colocar em xeque a imagem romântica da autenticidade do ‘futebol-arte’” (FERREIRA, 2011, p.3). A imagem construída nos jornais e na tevê, conforme o autor, centra-se apenas o aspecto “mítico” e heroico da vitória brasileira; já, para os militares, o sucesso da seleção refletiria o período do “milagre econômico” no qual vivia a economia brasileira.

Ferreira ressalta, contudo, que a relação política-futebol no Brasil não se restringe ao período da ditadura civil-militar. Desde o Estado Novo (1937-1945), Getúlio Vargas já tentava associar sua gestão ao esporte, particularmente por este estar se transformando em um fenômeno das massas. Em 1950, na copa do mundo de futebol, realizada no Brasil, na qual a seleção canarinho foi finalista, políticos ligados ao governo de Eurico Gaspar Dutra permaneceram na concentração da equipe brasileira, às vésperas da final contra o Uruguai, durante parte da madrugada, ora conversando ora produzindo fotografias para campanhas publicitárias.

No entanto, muitos estudos focam apenas na relação entre o governo do general Emílio Garrastazu Medici<sup>4</sup> com o selecionado participante do evento de 1970. Marcos Guterman (2004) aponta que há teses, “comuns no espectro mais à esquerda”, que alimentam grande parte das

---

<sup>4</sup> Nas referências pesquisadas, a grafia do nome do general aparece de distintas formas, como Médici, Médice e Medici. Neste trabalho, contudo, a grafia adotada será a assinada pelo general e a utilizada pela *Veja* e pela *Folha de S. Paulo*, Medici. Assim como Garrastazu será apresentado sem acento, seguindo os periódicos pesquisados. A grafia em citações bibliográficas será respeitada conforme a opção do autor.

conclusões acerca das relações entre o regime militar e a copa em questão. Nelas, “o futebol reprime o conflito de classes (docilizando o trabalhador em relação a seu patrão a cada vitória de seu time) e mistifica a realidade, pois reduz a compreensão das condições materiais e sociais” (GUTERMAN, 2004, p.268). Trata-se, segundo o autor, da clássica noção do futebol como “ópio do povo”<sup>5</sup>. Para Guterman, as vitórias no campo esportivo não significam, automaticamente, triunfos políticos expressivos, porém o futebol foi usado para emprestar legitimidade política à gestão e o governo Medici não poupou esforços para associar sua imagem à da seleção.

Conforme Guterman, a copa do mundo de 1970 aconteceu em um momento que o regime militar se propunha a ser o mantenedor da segurança e da paz internas para o desenvolvimento do país. Para o autor, isto significava “esmagar todos os movimentos de subversão da ordem, ao mesmo tempo em que se desenrolava uma campanha cujo objetivo era destituir os brasileiros de sua condição de indivíduos, reunindo-os sob o manto indiscutível da nacionalidade” (GUTERMAN, 2004, p.275). Tal “esforço nacional” justificaria o arbítrio e a distorção da realidade e, segundo Guterman, criava as condições para a explosão ufanista após a conquista do campeonato.

Guterman afirma, porém, que as manifestações pela vitória do tricampeonato e as expressões de sentimento positivo em relação ao Brasil poderiam não ter apenas o significado que imediatamente transmitem:

[...] isto é, uma espécie de chancela alienada da população em relação ao regime de exceção. Pelo contrário. De acordo com o modelo thompsoniano, segundo o qual as pessoas comuns conseguem elaborar estratégias para defender seus interesses mesmo em regimes autoritários, é possível qualificar como ‘janela de oportunidade’ as festas de rua pelas vitórias na Copa, que em princípio contrariavam as rígidas regras que o regime impusera às concentrações públicas (GUTERMAN, 2004, p.277).

Para o autor, Medici somente permitiu as manifestações populares de apoio à seleção uma vez que elas oxigenavam seu projeto de legitimação do sistema político vigente. Guterman (2004, p.279) acredita que as mesmas manifestações também podem ter servido para que os brasileiros, sutilmente, contestassem o regime. “Somente essa hipótese deveria bastar para, ao menos, contradizer a versão segundo a qual a Copa de 70 foi o auge da alienação do país, um dos

---

<sup>5</sup> Guterman aponta, fundamentado em Robert Levine, que o problema com a tese do ópio é que ela apresenta uma visão maniqueísta dos processos sociais. “A mudança dos anseios da sociedade brasileira, e não a vontade coletiva dos diretores dos clubes, obrigou o futebol a evoluir do modo como fez; contudo, o poder dos meios de comunicação e a intervenção fiscal e administrativa do governo, sem dúvida, ajudaram a plasmar essa evolução. Muitos dos argumentos usados para caracterizar o futebol como mecanismo de controle social podem ser usados para mostrar seu papel como agente redutor das distâncias sociais e como agente encorajador do orgulho nacional. Para cada argumento do futebol como circo, outros podem ser contrapostos, credenciando o esporte como fator de maior autenticidade local e de redução de hostilidades entre classes” (LEVINE apud GUTERMAN, 2004, p.268).

maiores axiomas que se criaram a respeito do período, tão grande quanto às façanhas épicas da Seleção canarinho”.

Lívia Gonçalves Magalhães (2011), por sua vez, defende que os militares não deixaram de se beneficiar com a vitória esportiva. O futebol, para a autora, era um elemento que permitia ao regime promover a suposta união nacional e diversidade em um espaço que não passava pelo setor político. Assim, os responsáveis pela Agência Especial de Relações Públicas (AERP) convenceram as autoridades do período sobre a importância do momento e sobre como usá-lo a favor do governo. “Não foram poucos os políticos que perceberam a popularidade da seleção e procuraram também tirar proveito da situação apoiando o discurso oficial e posando ao lado dos jogadores na grande recepção feita por Médici em Brasília” (MAGALHÃES, 2011, p.6).

Isto foi possível, de acordo com Magalhães, porque o futebol foi uma importante ferramenta no projeto de integração daquele momento por seu forte caráter mobilizador e por ser parte da cultura e da identidade nacional do brasileiro. Guterman (2004, p.268) pondera que os poucos estudiosos que se dedicaram a compreender os efeitos do futebol sobre a sociedade brasileira e seus desdobramentos institucionais coincidem num ponto: “este esporte, por todos os seus significados, funciona como importante diluidor de diferenças sociais”. Desta forma, esta característica é robustecida pelo caráter nacionalista e patriótico em períodos críticos dos sistemas políticos vigentes, logo seria muito útil a regimes como o militar. “Este esporte resolve simbolicamente as desigualdades econômicas habituais, sendo, por tal motivo, o modo pelo qual uma parcela significativa dos brasileiros de todas as classes quebra a hierarquia cotidiana” (GUTERMAN, 2004, p.268).

Magalhães (2011, p.1), entretanto, frisa que este não é um fenômeno exclusivamente brasileiro, pelo contrário ele é bastante comum em diversas partes do mundo. “Diferente do que é comum pensar-se não são somente regimes autoritários que utilizam o esporte a seu favor, existem também casos de governos democraticamente eleitos que não perderam a oportunidade de se beneficiar com a imagem futebolística”. Um dos pilares para isto é a imprensa e, conseqüentemente, o fotojornalismo, assim entender melhor a atividade fotojornalista e o seu contexto no período estudo se faz necessário para a compreensão deste estudo.

### **Fotojornalismo, sua história e a mediação de “realidades”**

Nos primórdios da prática fotográfica, os fotógrafos se aventuravam por vários caminhos buscando o exótico e o diferente, promovendo a produção e a difusão de imagens de intenção documental de locais distantes e de paisagens. Quando apontaram suas câmeras para os fatos, levando a imagem a um público com intenção testemunhal, estas eram as primeiras

manifestações do que viria a ser o fotojornalismo. Assim, os entusiastas da fotografia, conforme Jorge Pedro Sousa (2000), visavam dar testemunho do que viam, “encobertos pela capa do realismo fotográfico”, e ambicionavam substituir os leitores em uma leitura visual do mundo. Segundo Sousa, a introdução da fotografia na imprensa abre a primeira janela visual mediática para um mundo que se torna mais pequeno, caminhando para a “familiaridade” da “aldeia global”.

Neste mesmo sentido, para Pepe Baeza (2001, p.45), a atividade fotojornalística familiariza os receptores dos meios de comunicação com as situações imageticamente representadas, aproximando-os do que aconteceu. Os projetos visuais apresentados na imprensa são, de acordo com o autor, responsáveis pela difusão de documentos, de testemunhos, “que abram os olhos e possibilitem o debate democrático, ou seja plural, amplo, e participativo, sobre as questões vitais da esfera política, de questões que pertencem a todos”<sup>6</sup>.

Sousa argumenta que os meios de comunicação social influenciam a percepção e a cultura do receptor de tal forma que, sem os *media*, provavelmente as pessoas enfrentariam o vazio e o desconhecido, mesmo que os grupos humanos continuassem a coexistir. Assim, quando difundidas pelos *news media*, as fotografias “ganham uma força inaudita, pois aliam disseminação massiva ao potencial de credibilidade-verdade que os meios de comunicação jornalísticos lhes emprestaram e à dramaturgia que encerram. Além disso, para o senso-comum ver é crer: a foto simboliza a verdade” (SOUSA, 1998, p.51). Os observadores tendem a conotar a fotografia de imprensa como uma evidência que pode não o ser, pois, sendo informação, importa saber de que tipo é a informação que a fotografia jornalística traz, tanto nos aspectos ideológicos como simbólicos.

Conforme Boris Kossov (2009), a fotografia deve ser considerada como fonte histórica de abrangência multidisciplinar por fazer parte da experiência humana, seja como meio de recordação e documentação da vida familiar, como meio de informação e divulgação de fatos, na forma de divulgação artística, como instrumento de pesquisa científica. A imagem fotográfica pode ser apenas um ponto de partida para remontar o passado por conta dos fragmentos de realidade nela gravados, perpetuando a memória.

Mesmo sendo fonte para a história, é importante também entender o percurso do próprio fotojornalismo. Referente ao Brasil, Munteal e Grandi (2005, p.115) afirmam que o surgimento de revistas e jornais, nos anos 1960, deram espaço às imagens jornalísticas como componentes fundamentais na sua concepção da notícia. As reformas na imprensa nacional, que começaram

---

<sup>6</sup> Tradução livre do original: “que abran los ojos y possibiliten el debate democrático, es decir plural, amplio, y participativo, sobre las cuestiones vitales de la esfera política, es decir, de cuestiones que nos atañen a todos”.

ainda na década anterior, consolidaram inovações importantes para a fotografia, “com a criação da primeira editoria de fotografia, em que a responsabilidade da seleção das páginas cabia ao editor, e não ao diagramador apenas”. Com isso, a imagem jornalística passou a ser valorizada, sobretudo, na primeira e última página, demonstrando uma preocupação com o lado humano dos acontecimentos e tornando comum a utilização das páginas gráficas, com pouco texto e legendas de suporte.

Na década de 1970, especificamente, a atividade fotojornalística, segundo Munteal e Grandi (2005, 138), durante o momento mais repressivo do regime militar, representou o respiradouro dos veículos de imprensa, pois trazia “aos leitores imagens de um engajamento que não era possível ser percebido nos textos mutilados pela censura”.

Sousa arrola alguns traços característicos desse momento em nível mundial, considerando-o a segunda revolução do fotojornalismo. Entre eles se destacou o aumento da prática de aquisição de fotografias tomadas por amadores e, sobretudo, pelas agências fotográficas, que se fortaleciam e ampliavam seu leque de trabalho mundialmente. A fotografia entrou nos museus, no mercado das artes e no ensino superior, aumentando o interesse pelo seu estudo teórico. A televisão passou a influenciar o fotojornalismo e, a partir dos anos 1970, evidenciou-se uma produção fotojornalística com características industriais, levando à diminuição do *freelancing*, à estabilização dos *staffs* de fotojornalistas nas empresas e à maior convencionalização e rotinização da atividade. (SOUSA, 2000, p.152-156).

Tratando especificamente das agências fotográficas, Sousa afirma que estas ganharam grande impulso de meados dos anos 1930 aos 1940, tornando-se uma das principais fontes de fotografia para o jornalismo. O período pós-guerra, contudo, assistiu a uma crescente industrialização e massificação da produção fotojornalística.

E se por um lado a fotografia jornalística e documental vai encontrar novas e mais profundas formas de expressão, devido aos debates em curso e a novos *autores*, por outro lado a rotinização e convencionalização do trabalho fotojornalístico dentro do contexto da indústria cultural, de que as agências de notícias se tornaram expoentes, também originou uma certa banalização do produto fotojornalístico e produção ‘em série’ de fotos de *fait-divers*, que pouco mais permitem ao observador do que ver e surpreender-se. (SOUSA, 2000, p.124, grifos do autor).

De acordo com Sousa, os clientes dos serviços fotográficos das agências noticiosas ansiavam principalmente por uma imagem nítida e clara por assunto. Crimes, conflitos, desastres, acidentes, atos de figuras públicas, cerimônias e esportes eram os temas mais solicitados. Assim, Sousa (2000, p.126) aponta que as agências se especializaram em satisfazer

as necessidades dos diários, acentuando um caráter de velocidade de atualidade do fotojornalismo, “tornando-se, cada vez mais, um critério de valor-notícia”.

Foi graças, sobretudo, às agências que o brasileiro acompanhou fotograficamente a copa do mundo de futebol de 1970. Apenas na década de 1960 a editoria de esporte começa a ganhar espaço na imprensa escrita brasileira. As imagens fotográficas esportivas, particularmente as de ação, são benesses dos avanços tecnológicos do século XX, como o formato 35mm, objetivas claras, *flashes*, visores; em geral, câmeras eram mais “confiáveis”. No caso da fotografia de futebol, a tecnologia permitiu, segundo Rui Cezar dos Santos (2004), uma ampliação do número de possibilidades de registros e a oferta de “imagens publicáveis”, que cumpriam as premissas do fotojornalismo.

No último meio século, a cobertura fotográfica do futebol ampliou seu interesse da mera observação da peleja para cobrir, atualmente, aspectos sociais relacionados direta e indiretamente com o esporte: os treinamentos, os bastidores dos cartolas, o funcionamento das associações, flagrantes da vida de seus jogadores mais ilustres, a indústria de acessórios, sua representação pelas artes e pela cultura, seu acompanhamento por uma imprensa especializada... Tal percepção ampliada do futebol implica uma cobertura fotográfica que combina fotografias de ação, retratos, flagrantes e outras imagens sortidas (SANTOS, 2004, p.75).

Para Santos, as imagens centrais da cobertura fotográfica do futebol são, sem dúvida, as fotografias de ação produzidas durante os jogos, privilegiando o esforço, a coreografia dos movimentos, a elegância estatuária, os imprevisíveis choques físicos, a dor e a exultação e o momento do gol. “Elas cumprem duas funções básicas: fixar o momento e os atores envolvidos e ver, detalhadamente, para o torcedor que acompanha a distância” (SANTOS, 2004, p.75). Maria Fernanda Cordeiro e Paulo César Boni (2005, p.150) apontam que esta é a maior diferença da imagem fotográfica em relação à televisiva: “fotografia congela um determinado movimento. Através daquela cena congelada, pode-se observar detalhes que a televisão não consegue mostrar. É possível perceber a expressão do jogador, ver o momento exato de um chute ou de uma cabeçada”. Desta forma, a imagem da fotografia é mais dramática do que a da televisão.

### **O triunfo dos “guerreiros” canarinhos nas páginas de *Veja* e *Folha de S. Paulo***

Os anos 1970, sobretudo sua primeira metade, segundo Munteal e Grandi (2005, p.137), foi um período de perseguições a jornalistas e veículos de comunicação brasileiros, por conta do regime político vigente no país, e ainda de reestruturação do jornalismo impresso frente à concorrência proporcionada pela televisão. “No caso da fotografia da imprensa, isso se dava pela necessidade de se adequar uma imagem que já aparecia na televisão a algo atraente para o leitor,

“sintetizando toda a informação na imagem estética”. A fotografia conquistava espaço nas páginas dos jornais, que, de acordo com os autores, possibilitava mostrar aquilo que o texto não podia devido à censura. Assim como a imprensa alternativa atingia seu ápice, as bases do fotojornalismo independente também se consolidavam, especialmente com o surgimento de agências fotográficas.

Durante os anos 1970, a revista semanal *Veja* se consolida e o jornal diário *Folha de S. Paulo* passa por uma reformulação. *Veja* entrou em circulação, pela Editora Abril, em setembro de 1968, com um editorial que afirmava que o país “precisa de informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos”. Conforme Muza Clara Chaves Velasquez e Beatriz Kushnir (2014, s./p.), “embora o editorial não fizesse referência à conjuntura nacional, e a política não estivesse entre os temas nele listados como relevantes, a revista ficou marcada desde o início por suas coberturas políticas”. Já a *Folha de S. Paulo* é resultado da união de três outros jornais, lançados entre 1921 e 1925, pertencentes à Empresa Folha da Manhã S.A., ainda no começo da década de 1960. Tratava-se da *Folha da Noite*, *Folha da Tarde* e *Folha da Manhã*. Para Amélia Cohn, Sedi Hirano e Sérgio Montalvão (2014), devido a uma conduta empresarialmente agressiva, a *Folha*, como é popularmente conhecida, ampliou substancialmente seu público leitor a partir de mudanças no sistema de distribuição, bem como por uma “revolução” tecnológica na área da impressão. Logo se transformou no jornal com maior circulação do país. No decorrer dos acontecimentos do pós-1964, o periódico, de acordo com os autores, tentou se aproveitar de sua autonomia financeira no sentido de preservar sua independência política frente ao Estado. Porém, o recrudescimento das políticas governamentais se refletia no âmbito interno do jornal, como sucessivas mudanças da direção da redação.

Além da censura vivida pelos periódicos na época, houve, conforme Munteal e Grandi (2005, p.141), “uma intensificação da participação do Estado no total das publicidades na mídia impressa, ao mesmo tempo que a modernização aumentou a dependência dos jornais em relação ao governo”. Assim como aconteceu durante o Estado Novo, o governo federal passou a controlar a importação de papel e de produtos fotográficos necessários à impressão em *offset* como forma de influência e pressão sobre os órgãos de comunicação, favorecendo e prejudicando, segundo as autoras, determinados jornais, revistas e mesmo grupos de comunicação.

Essa relação acaba se refletindo na cobertura jornalística da copa do mundo de 1970, uma vez que com Medici as afinidades entre política e futebol se intensificaram. Segundo Magalhães (2011, p.3), o general era um fanático do esporte e fazia questão de divulgá-lo, apoiado pela AERP, órgão responsável pela propaganda oficial. Assim, “o dueto futebol e Médici caiu como

uma luva na construção de uma imagem positiva do líder e de sua aproximação com os setores populares”, e a própria seleção brasileira também seria bastante utilizada, principalmente após a conquista do tricampeonato, “quando associou-se a vitória em campo com o próprio modelo de país”.

A conquista aconteceu no dia 21 de junho, no Estádio Azteca, na Cidade do México. Em campo, estavam Brasil e Itália que, além de disputar aquele campeonato específico, também almejavam a conquista definitiva da Taça Jules Rimet<sup>7</sup>, já que ambos poderiam ser os primeiros tricampeões da Copa do Mundo FIFA<sup>8</sup>. Com gols de Pelé, Gérson, Jairzinho e Carlos Alberto, o país latino-americano conseguiu uma vitória emblemática, de 4 a 1, que rendeu o título daquele ano e o tão cobiçado troféu.

A posse definitiva da taça foi destaque tanto na *Veja* como na *Folha*. O jornal, na capa da segunda-feira, 22 de junho (ano XLIX, nº 14.981), anunciava: “Eles voltam amanhã com a taça”. A primeira página foi toda dedicada a assuntos relacionados à conquista, uma chamada para as matérias das páginas cinco a 10, uma declaração do então presidente Medici sobre o feito, outra matéria sobre a comemoração do general e o oferecimento de uma “Taça Pelé” e uma nota sobre o ponto facultativo nas repartições federais nos dias 22 e 23 de junho. O jornal também publicou na capa também sete fotografias.

*Veja*, por sua vez, veiculou, dia 24 de junho (edição 94), uma capa com apenas a fotografia focada apenas nas mãos erguendo a Jules Rimet e com a manchete: “Brasil, para sempre”. A primeira página é composta, então, pela imagem preta e branca, com uma borda em amarelo, assim como as letras da manchete e do logo da revista. A escolha desta cor remete à seleção canarinho, ao verde e amarelo defendido pela equipe no México, logo reforça a ideia de uma conquista que o Brasil deve se orgulhar, fortalecendo e incentivando o patriotismo e o sentimento ufanista na população.

Como a copa do mundo de futebol foi realizada no México, grande parte das imagens veiculadas pela imprensa brasileira era proveniente de agências de notícias. Os dois periódicos estudados não são exceção. Por este motivo, algumas fotografias se repetem na revista mesmo já tendo sido publicadas pelo diário dois dias antes. *United Press International* (UPI) e a *Associated Press* (AP) eram as principais fornecedoras de imagens fotográficas para periódicos em questão.

---

<sup>7</sup> Até a Copa do Mundo FIFA de 1970, o troféu recebido pelo vencedor da competição era a Taça Jules Rimet, que recebeu o nome de seu idealizador, então presidente da instituição promotora do evento. Quem a conquista-se três vezes teria o direito da posse definitiva da peça de 3,8 quilos de ouro. Com o tricampeonato brasileiro, o troféu passou a ser exibido na sede da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Porém, em dezembro de 1983, a peça foi roubada e, segundo a imprensa da época, havia sido derretida para a venda do metal que a compunha.

<sup>8</sup> O Brasil até então tinha sido campeão em 1958 (Suécia) e 1962 (Chile), já a Itália em 1934 (Itália) e 1938 (França).

Uma das imagens que se repete na *Folha* e na *Veja* é a do capitão Carlos Alberto Torres levantando a taça. Esta é a fotografia de destaque da capa do jornal e a de abertura em uma espécie de galeria feita pela revista. A diferença está, além do crédito da imagem, no enquadramento, pois a *Folha* “recorta” a fotografia, trocando um plano médio por um de corte americano, assim o periódico dá mais destaque aos principais elementos de composição: o levantamento da taça, o “militar” que comemora e o fotógrafo que trabalha.

Sendo a maior fotografia da capa, a *Folha* reforça a importância dada à conquista da Taça Jules Rimet. Conforme a legenda, Carlos Alberto ergue o troféu como já fizeram Belini e Mauro, registrando o ato de sagração da copa que estava ganha para sempre. O gesto, que começava a se tornar clássico nas conquistas esportivas, foi fotografado de forma que a arquibancada e a reação do público também compusessem a imagem, como se tivessem torcido pelo time e o apoiasse. Assim, destaca-se que o entusiasmo era compartilhado por todos os presentes, em especial, além do vencedor, por um jovem aparentemente vestido como membro de alguma instância de segurança, como a polícia ou o próprio exército. Por conta das roupas e principalmente pelo capacete/quepe – já que as botas utilizadas pelo rapaz só são mostradas na fotografia veiculada pela *Veja*, que não tem “corte” –, sua presença ao lado do jogador conota o envolvimento dos militares em todo o processo referente ao evento esportivo em questão. O sistema político brasileiro estaria ao lado da seleção.

Quem também está ao lado de Carlos Alberto é um homem que parece se curvar para fotografar a taça e talvez o capitão, como se fosse da imprensa. Apesar de não demonstrar o entusiasmo e a vibração dos outros dois personagens em destaque, o homem está envolto por este clima embora aparente estar trabalhando, não só pelo ato de fotografar, mas também pela posição privilegiada em que está. Deste modo, além da presença militar ao lado do vencedor no momento do ápice da vitória, o recebimento do troféu, a imprensa e seu trabalho também estariam acompanhando e apoiando um feito tão importante para os brasileiros.

Outro ponto interessante nesta imagem é a presença de uma faixa como escrito em espanhol “toda la familia” no canto esquerdo superior, ao lado do troféu – na imagem da *Folha*, há apenas “la família”. Uma das “causas” supostamente defendidas pelo regime militar estaria presente mesmo no futebol, algo que também seria blindado pelos comandantes do país. Se a vitória brasileira era estendida ao governo, as suas “causas” também poderiam ser tidas como vencedoras, neste caso a defesa da família. Assim, família, futebol e política, sobremaneira a guiada pelos militares, era uma união, aparentemente, feliz para os brasileiros.

Além da taça Jules Rimet, outro destaque da conquista brasileira é o jogador Pelé, o “rei do futebol”, alcunha que o acompanhava desde a copa de 1958. Edson Arantes do Nascimento, o

Pelé, tornava-se o único tricampeão como jogador, já que Mário Jorge Lobo Zagallo, o outro tricampeão, conquistava o título em 1970 como técnico. Desta forma, o atleta se consagrava e ganhava mais espaço que os outros nas páginas da imprensa brasileira. *Veja*, abaixo da fotografia do capitão, apresenta duas imagens do jogador, uma com a Jules Rimet e outra com um “sombbrero”, tradicional chapéu mexicano – esta imagem também foi publicada na capa da edição estudada da *Folha*, ao lado da fotografia principal no topo da página. Em ambas, Pelé era “carregado” pelo povo, demonstrando a aceitação do atleta pelo público, tanto brasileiros como mexicanos.

Neste sentido, a imprensa dá a Pelé uma posição à frente dos outros jogadores. A *Folha*, entretanto, dedica mais espaço aos outros campeões, tanto em textos como em imagens. Nas fotografias, os pais do jogador Felix Mielli Venerando e o atleta Jair Ventura Filho, o Jairzinho, ganham destaque, bem como os técnicos da equipe, Almoré Moreira, João Saldanha e Zagallo, mesmo que em pequenos retratos. O diário ainda apresenta, nas páginas da “Ilustrada”, retratos de todos os jogadores da seleção. A revista *Veja*, por seu lado, publica um retrato de João Havelange, então presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD). O único jogador, além de Pelé, a ter fotografias veiculadas pela revista foi Jairzinho. Em duas fotografias, que ocupam meia página e estão no seu topo, o jogador é mostrado logo após ter marcado o gol na partida pela semifinal do torneio contra o Uruguai.

Se não nas imagens, nos textos os jogadores, em geral, são exaltados pelo triunfo no México. Porém, as fotografias corroboram com a ideia ao mostrarem o jogo, enfatizando a disputa e o esforço dos atletas. A *Folha*, dada a sua periodicidade ser diária, publicou imagens apenas no confronto final – especialmente na capa da edição estudada –, já a *Veja* trouxe também fotografias da semifinal contra o Uruguai. A maioria das imagens veiculadas nos periódicos estudados mostra algum momento do jogo, como disputas de bola, chutes, cabeceadas, gols e suas comemorações. Com isso, conota-se sobre os jogadores um aspecto de guerreiros que vencem uma guerra.

A plasticidade das imagens do jogo ainda valoriza o futebol-arte em relação ao futebol-força, afinal depois de uma campanha considerada insatisfatória da seleção brasileira na copa do mundo anterior, em 1966, em Londres, questionou-se se esta seria mesmo a melhor maneira de se jogar. Desta forma, os dois veículos de comunicação tentam sanar as dúvidas e incertezas em relação à equipe vencedora do mundo, tornando-a um elemento praticamente indiscutível e de grande aprovação pelas pessoas em geral, afinal se tratava de guerreiros muito esforçados que conquistaram o objetivo de forma inquestionável.

Para isso, a *Folha*, diferente de *Veja*, publica ainda imagens e textos sobre o treinamento da seleção e mesmo dos adversários. Fotograficamente, o diário apresenta o jogador Jairzinho apoiado em uma grade com crianças pedindo autógrafos. O atleta, segundo a legenda, tornou-se um ídolo dos jovens que, pelo sorriso, parece satisfeito com a situação. Contudo, o treino em si não é apresentado visualmente. A única imagem de treinamento que é veiculada pelo periódico é do time da Itália e a legenda reforça que, embora tenha feito muita ginástica, a seleção italiana falhou ao tentar vencer o Brasil. Neste sentido, o diário reforça a ideia de superioridade da equipe brasileira, mesmo “sem” tanto treino, e a de aprovação e aceitação do público até por parte dos mexicanos.

A *Folha* ainda traz três fotografias tomadas das imagens televisivas, ressaltando que aquela era a primeira copa transmitida ao vivo para brasileiros. No entanto, o que chama a atenção na cobertura dos periódicos estudados é a ausência de imagens da comemoração da torcida brasileira que, conforme os textos, tomou as ruas do país e mesmo do próprio presidente Medici, incentivador do time. A *Folha* apresenta apenas uma série de quatro fotografias de torcedores apreensivos assistindo à partida na Praça da República, em São Paulo, e a vibração em um dos gols da seleção. Não há, porém, uma cobertura dos festejos pela conquista do título e da taça, apesar de os dois órgãos de imprensa terem *staffs* de fotógrafos, bem como o presidente ser acompanhado de perto pelos assessores da AERP, que devem ter fotografado sua comemoração.

A falta de interesse dos periódicos pelas pessoas comemorando nas ruas pode conotar uma tentativa de não estender visualmente as tramas envoltas a copa do mundo de 1970 e mesmo seu triunfo à população, restringindo-as aos jogadores e, indiretamente, a comissão técnica. Textualmente, entretanto, os veículos de comunicação estudados destacam a participação popular nas festividades da vitória como um carnaval fora de época, corroborando com a ideia de patriotismo dos que comemoram a conquista e incentivando um ufanismo na população. Deste modo, a construção da narrativa visual pelos periódicos é diferente da textual, demarcando que se tratam de discursos que interagem e se complementam, mas não necessariamente se repetem.

### **O legado de 1970: considerações finais**

Muito se atribui à conquista da Copa do Mundo FIFA de 1970 para o futebol brasileiro, desde a profissionalização do esporte, a organização de um campeonato nacional até mesmo a construção de estádios por todo o país. Na memória da maioria dos brasileiros, a vitória no México foi o grande momento do futebol. Embora tenha ganhado outras duas vezes o torneio,

nenhuma vitória tem os aspectos de grandiosidade do tricampeonato. Nas copas de 1994 e de 2002, a mobilização popular, os integrantes da equipe, a superioridade em relação aos outros times nunca igualaram as lembranças daquela conquista. Era a consolidação do “país” e do “rei” do futebol.

Há muitos motivos para isso: a campanha agenciada pela AERP, o incentivo do governo federal, a transmissão ao vivo pela televisão e, claro, o próprio time e a conquista da Taça Jules Rimet. O papel da imprensa também não pode ser menosprezado neste processo, sobremaneira ao que tange as concepções gerais construídas acerca deste evento. Na formação da memória visual sobre a segunda copa mexicana, a televisão tem uma grande importância, porém, na época, ainda não era um veículo tão comum à população brasileira, sua disseminação massiva acontece durante a década de 1970. Desta forma, acredita-se que a fotografia venha cumprindo – e tenha cumprido neste campeonato específico – a função de suplemento do olho humano e de mediação da memória.

O fotojornalismo que cobriu a copa, embora oriundo de agências de notícias, demonstra como responsáveis pela vitória os jogadores “guerreiros”, que enfrentaram batalhas para conquistar uma das taças mais cobiçadas do mundo para o Brasil na época, a Jules Rimet. Seu líder, o capitão Carlos Alberto, consagra-se ao tomá-la e erguê-la como fazem os grandes campeões. No entanto, o representante maior da equipe, construído midiaticamente como um herói do título, foi Pelé. Todos os outros, tanto jogadores como comissão técnica, eram, mesmo sendo importantes para a conquista, coadjuvantes do “rei do futebol”, conforme as imagens fotográficas.

Apesar de não veicularem imagens do próprio presidente Medici ou de militares brasileiros comemorando a título, a *Folha de S. Paulo* e a revista *Veja* conotam a relação entre política e futebol na imagem memorável do levantamento da taça, por conta do apoio e comemoração do jovem com vestes militares ao lado do campeão. A imprensa também estaria ladeando o momento de ápice do esporte mais popular do país. A ausência de fotografias das comemorações de ruas que se espalharam pelo Brasil também é notada e, possivelmente, dá-se por uma edição de caráter político. Talvez a não publicação de tais imagens aconteceu para não atribuir à população os entrelaces que envolvem a campanha brasileira no campeonato, limitando-os ao time, aos militares e a imprensa. Somente com a leitura das imagens, não é possível confirmar determinadas concepções, porém, permite refletir sobre a possibilidade das manifestações de ruas contrariarem as rígidas regras impostas pelo sistema político vigente, sendo as “janelas de oportunidade” discutidas por Guterman. Possibilita ainda pensar que as vitórias em campo esportivo não significavam diretamente triunfos políticos. Por outro lado,

podem corroborar com a ideia de alienação das pessoas, algo que os periódicos poderiam não querer de discutir. De qualquer forma, o posicionamento indefinido dos veículos de imprensa estudados referente à política nacional continua sendo um elemento de discussão entre os pesquisadores da história da mídia.

Contudo, é inegável que o futebol tenha sido usado para legitimar politicamente os governantes brasileiros por conta de o esporte ser uma ferramenta de integração, de mobilização e de identidade nacional. Apesar de não ser o objetivo deste trabalho discutir o legado da copa de 1970, ao historicizar a atividade fotojornalística da conquista do torneio, reflete-se, mesmo que de forma pontual, sobre as relações entre política e jornalismo, bem como sobre força que a fotografia ganha na imprensa escrita e seu papel como elemento de mediação e de memória.

## Referências

- BAEZA, Pepe. **Por una función crítica de la fotografía de prensa**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- COHN, Amélia; HIRANO, Sedi; MONTALVÃO, Sérgio. Verbete: Folha de S. Paulo. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Fundação Getúlio Vargas. 2014. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acesso em: 28 mai. 2014.
- CORDEIRO, Maria Fernanda; BONI, Paulo César. Fotojornalismo esportivo: a influência da televisão na imagem impressa. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.1, n.1, 2005, p.141-166.
- FERREIRA, João Fernando Pelho. A Copa de 70, o governo Médici e a construção do morenã. **Anais... XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, jul. 2011.
- FRAGA, Gerson Wasen. Futebol, imprensa e ditadura: das formiguinhas de Geisel à abertura de telê. **Anais... XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, jul. 2011.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GUTERMAN, Marcos. Médici e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. **Projeto História**, São Paulo, (29) tomo 1, p.267-279, dez. 2004.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. Futebol em tempos de ditadura civil-militar. **Anais... XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, jul. 2011.
- MUNTEAL, Oswaldo; GRANDI, Larissa. **A imprensa na história do Brasil**: fotojornalismo no século XX. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Desiderata, 2005.
- SANTOS, Rui Cezar dos. Anotações sobre a fotografia de futebol. **Mediação**, Belo Horizonte, n. 4, dez. 2004, p.73-90.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Tradução: Milton Camargo Mota. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo performativo**: o serviço de fotonotícia da Agência Lusa de Informação. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.
- VELASQUEZ, Muza Clara Chaves; KUSHNIR, Beatriz. Verbete: Veja. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Fundação Getúlio Vargas. 2014. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acesso em: 28 mai. 2014

## Fontes consultadas

- Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano XLIX, n.14.891, 22 jun. 1970.
- Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 3, n.94, 24 jun. 1970.